



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA APEE

EUROPEÍSTAS E OTIMISTAS

Passados 60 anos da assinatura do tratado de Roma, o sonho europeu continua sem rumo bem definido, entre negociações difíceis, diferentes níveis de desenvolvimento entre países, barreiras culturais e civilizacionais e o contexto global atribulado.

Mais do que nunca a União tem que se definir a si própria e aqueles que a defendem têm que o fazer com cada vez maior convicção. A atual emergência dos populismos poderá ter um efeito positivo, isto é uma visão pessoal e otimista, que considero que faz sentido, porque, cada vez mais, o tema central de debate das diversas eleições nos Estados-membro prende-se com a sua permanência ou saída da União.

O regresso de ideias radicais, outrora consideradas ultrapassadas e de um preconceito espelhado no comportamento de um número considerável de eleitores, que não seria expectável em sociedades consideradas desenvolvidas no século XXI, são fatores preocupantes, sem dúvida.

Os decisores e cidadãos europeus deverão agora fazer uma análise fria e racional do passado recente da UE. Devemos perceber que as instituições não transmitiram a segurança e o equilíbrio necessário às populações, tornaram-se em parte reféns de um aparelho burocrático sem rosto, considerado como longínquo e ineficiente na resolução dos problemas essenciais. Ao invés de aliviar e melhorar as condições de vida dos cidadãos de vários países, trouxeram choques de austeridade que agravaram as condições socioeconómicas de parte das populações e aumentaram o sentimento de desconfiança, em vez de o de comunidade.

Certamente que a UE se deve reger sempre pelos princípios fundadores, como o respeito pela diversidade e liberdade, mas chegou o momento de debater sem tabus e,

se necessário, alterar as regras do jogo, isto é, caminhar para uma uniformização política e social. Para isso, devemos refletir se este espaço pode ser também o espaço de Viktor Orbán, Marine Le Pen e de Janusz Korwin-Mikke. Liberdade de expressão sempre, e se as populações democraticamente optarem por este tipo de lideranças, estas terão de ser respeitadas e reconhecidas, mas até que ponto deverão fazer parte de um projeto com valores com os quais não se identificam?

No Reino Unido, a população optou pela saída, mas na Holanda, Áustria e em entre outros, a opção foi claramente mais Europa. O mesmo se poderá passar em França, a expressão popular será provavelmente mais Europa, mas uma Europa cosmopolita e inovadora.

Voltando ao ponto inicial, o ponto positivo da emergência dos populismos, afirmo-o, é o facto de os europeístas nunca terem estado tão unidos. Após o *Brexit*, a vitória de Donald Trump nos EUA, diversos movimentos alternativos como o “En Marche”, constituem uma demonstração clara de que o sonho europeu continua, apenas está em renovação; apesar de não aceitar o populismo, pretende também alterar a política tradicional.

Devemos também entender que grande parte dos votos nos movimentos anti-UE são votos de protesto de quem perdeu a esperança. A confiança desses cidadãos deve ser recuperada e a melhor forma de o fazer passa pela solidariedade e harmonização fiscal, económica e política entre Estados, de forma democrática e participada. A Europa tem de ser um espaço transparente e inclusivo. O período atual é difícil, mas a esperança e o otimismo devem manter-se entre nós, jovens e europeístas, porque é nos momentos difíceis que precisamos da coragem necessária para tomar decisões históricas.

António Santos
Presidente da Associação Portuguesa de Estudos Europeus